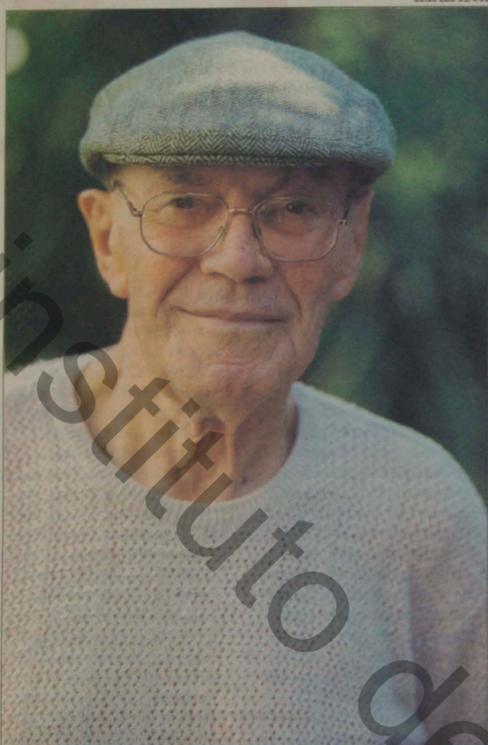


memória

Luiz Sacilotto segundo amigos

Diário convida quatro amigos e conhecedores da obra do pintor morto dia 9 para escrever sobre o mestre



O artista em abril de 2001, no quintal de sua casa-ateliê

Everaldo Fioravante
Da Redação

Luiz Sacilotto foi um artista plástico de produção ímpar, tanto que seu nome figura entre os mais importantes da história da arte brasileira do século XX. Nasceu em Santo André, em 1924, cidade na qual viveu até a morte, há uma semana, aos 78 anos. Filho de imigrantes italianos, dedicou-se à produção artística por mais de seis décadas.

Em 1952, ele, Waldemar Cordeiro, Geraldo de Barros, Kazmer Fejer, Lothar Charoux, Leopoldo Haar e Anatol Wladyslaw (o único ainda vivo) lançaram a mostra e o manifesto do grupo Ruptura, no MAM-SP (Museu de Arte Moderna), evento que marcou o início do concretismo no Brasil.

No que diz respeito à importância para o desenvolvimento da arte nacional, muitos especialistas comparam o movimento concretista com a Semana de Arte Moderna de 22, colocando os dois em patamares similares.

Sacilotto foi figurativo no início de sua vasta e produtiva trajetória. Desde o Ruptura, dedicou-se para sempre ao concretismo: obras moduladas criadas a partir de elementos geométricos e matematicamente elaboradas. Foi o único deles que permaneceu fiel ao estilo que ajudou a desenvolver.

Triângulos, quadrados e círculos brotaram de suas mãos e foram criteriosamente dispostos no plano da tela, ele-

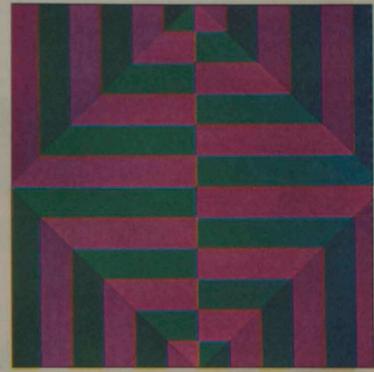
mentos geométricos que ganharam vida com Sacilotto. Quem vê suas obras tem a impressão de que elas se movimentam, sozinhas, dado o rigor matemático da composição que cria ilusões de óptica. Assim, seu trabalho realizado em suporte plano parece tridimensional.

O pintor e escultor ousou naquele anos 50 ao criar composições que não agradaram a muita gente, conservadores que gostavam de paisagens e retratos, por exemplo. Sacilotto gostava de triângulos. "O concretismo está por todos os lados. As faixas de pedestres, os portões das casas, tudo é concretismo", costumava dizer.

Além de grande artista, foi um intelectual de formação humanista. Gostava de gente. Ficava emocionado com as crianças que visitavam seu ateliê. Adorava falar de obras suas que foram reproduzidas em relevo para que portadores de deficiência visual pudessem apreciá-las, com as mãos.

Mestre da composição, das formas, dos volumes e das cores, Sacilotto deixou o mundo e muitas saudades. O Diário convidou quatro amigos e especialistas em sua obra para escrever sobre o artista.

Os convidados – a artista Paula Caetano, o crítico Enock Sacramento e as professoras universitárias Nancy Betts e Elisabeth Leone – escreveram também sobre o ser humano Sacilotto, homem cheio de virtudes, mas também ácido, quando algo não o agradava. A seguir, os textos dos amigos de Sacilotto. □



Fotos: Reprodução

Dolorosa ausência

Paula Caetano
Especial para o Diário

Vencer os primeiros momentos sem Sacilotto não está sendo fácil. Repartir memórias requer lembrá-las sentindo a dolorosa ausência do amigo. Sinto muita saudade do mestre, de quem sempre admirei pensamento e obra, uma unidade perfeita.

Conheci Sacilotto no início dos anos 80. Morávamos na mesma rua Senador Fláquer, em Santo André. Iamos às mesmas exposições, fazíamos os mesmos percursos, bebíamos as mesmas bebidas.

Percorriamos a cidade falando de arte (eu sempre escutando, admirada), parando para mais cervejas e dando voltas na história e filosofia da arte.

Em seu ateliê, com atmosfera requintada, porém íntima e aconchegante, quantas vezes saboreando o delicioso café de sua mulher (Helena), ele, generoso e detalhista, ensinou-me a viajar pela Europa e conhecer os museus e preciosas pinturas, isso sempre embalado por boa música. Me apresentou suas experiências e histórias com singeleza e simplicidade.

Folhei seus livros, manuseei, cautelosa, seus desenhos e projetos. Me mostrou a rigidez não só das linhas e formas, mas das convicções verdadeiras, a sabedoria do distanciamento por vezes tão necessário.

Era implacável em seus comentários, em momentos únicos que me revelaram muito sobre arte e todas as suas farsas. Repartiu comigo seus pensamentos e angústias sobre a arte, a cidade e sobre os jovens artistas. Quanta sabedoria!

Encantadoras foram as tardes e noites em seu organizado ateliê. Em seu recanto sagrado, o qual pude compartilhar, me explicava lenta e pacientemente todo o seu processo criativo, suas idas a São Paulo, sua paixão pela arte concreta. Momentos sagrados.

Recebi inúmeras vezes todos os estudantes que pedi e todas as crianças que buscavam conhecê-lo. O mestre dividia e multiplicava. Eles ouviam embevecidos, em silêncio profundo. Ele, com lógica e didatismo, mostrava sua obra, seus desenhos e catálogos que, antecipadamente, deixava separados.

Degustamos com amigos saborosos vinhos, os quais ele sempre conhecia, e participamos de belos jantares. Planejavamos a instalação de um Centro de Pesquisa em Arte Contemporânea em Santo André. Ele deu sua parte: presença, sabedoria, solidez, entusiasmo, lucidez, concretude ao meu pensamento e, principalmente, sua grande obra. Eu tinha de fazer a minha parte: apresentar Sacilotto à sua cidade, que tem obrigação de reconhecê-lo e orgulhar-se. □

Paula Caetano é artista plástica, mestre em Artes Visuais e coordenadora da Casa do Olhar, em Santo André

Além do previsível

Nancy Betts
Especial para o Diário

As primeiras pinturas de Sacilotto, como atestam as obras das exposições Os Quatro, Novíssimos e Dezenove Pintores, apresentam figuras humanas, naturezas-mortas e paisagens de caráter expressionista. Mas a tendência para a geometrização já se faz presente no plano de fundo das telas.

O encontro com Waldemar Cordeiro foi determinante no percurso de Sacilotto, pois voltou seu interesse para a pesquisa que revolucionou o panorama das artes no Brasil: a arte concreta. Iniciada na década de 50, a partir do manifesto do Grupo Ruptura, do qual Sacilotto foi um dos fundadores, os artistas inspirados por Malevich, Mondrian e Max Bill buscavam soluções estéticas nas quais a geometria ordenava a forma.

O léxico concretista tem como princípios ordenadores a não-figuração e a objetividade, características norteadoras que também regem as estruturas das obras de Sacilotto. Seu procedimento é rigoroso e calculado – módulos, malhas, redes, grades, tramas, rotações, rebatimentos e progressões são os meios pelos quais ele tece o sentido de ordem, clareza e equilíbrio.

No entanto, em inúmeras de suas composições aparece um movimento pendular que provoca uma leitura ambígua entre as relações de cheio-vazio, côncavo-convexo, positivo-negativo e figura-fundo. Essas manipulações de espaço e tempo induzem um retardamento ou uma aceleração no ritmo da obra e todo o rigor matemático é subvertido pela percepção de um efeito óptico e/ou cinético que gera movimentos e ritmos inesperados e surpreendentes. Efeitos que convocam nossa percepção e sensibilidade. O concretismo é transformado em um jogo de prazer que consiste em transgredir o calculado e, assim, ir além do previsível.

Sacilotto sempre manteve o entusiasmo e a emoção quando falava de seu processo, apesar das cinco décadas que se passaram. Uma arte atemporal, como esclarece em um comentário a respeito de suas viagens: "Quando entrávamos (referindo-se a ele e sua mulher, Helena) numa igreja, via as pessoas olharem para o alto, enquanto eu olhava para baixo, para o chão, pois ali estava a arte concreta". Referia-se aos desenhos nos pisos das catedrais. □

Nancy Betts é curadora e professora de História da Arte da Faop (Fundação Armando Álvares Penteado)

Correndo riscos

Elisabeth Leone
Especial para o Diário

Em 2000 o Espaço de Artes Unidic (Universidade Cidade de São Paulo) recebeu a proposta do crítico Enock Sacramento para expor a Obra Gravada Completa de Luiz Sacilotto, com 35 gravuras. Como curadora do Espaço, propus a ampliação do projeto e a adequação para o público chamado especial: portadores de deficiências físicas e sensoriais. O maior desafio foi pensar nos deficientes visuais, porém quis tentar uma aventura fora da norma, "correr riscos".

Não estava só. Sacilotto não apenas concordou como esteve disponível todo tempo. Foi generoso, tornando tudo possível. Para a realização da mostra, visitei seu ateliê diversas vezes. Certa vez trouxe o artista até minha casa, em São Paulo, e registrei por escrito a breve entrevista, feita em agosto de 2000:

"Elisabeth: O que o senhor acha de adequar uma exposição, no caso a sua, para o público especial?"

"Sacilotto: Excelente, por incrível que possa parecer. Não conhecia este tipo de atuação. Só tive o primeiro contato agora, mas o alcance disso é muito grande."

"Elisabeth: Sua obra é baseada em pura visibilidade. Ao fazermos réplicas de seus trabalhos, eles não serão mais os mesmos, pois perderão a aura original. O senhor concorda com isso?"

"Sacilotto: Isso não fere a obra do artista, muito pelo contrário. Fará com que outros que até então não teriam a oportunidade de conhecer meu trabalho o façam agora. Não há impedimento algum. Não há duas pessoas que enxerguem a mesma coisa da mesma maneira, mesmo entre os que têm visão normal."

"Elisabeth: Tenho a intenção de ampliar a exposição acrescentando as réplicas de suas esculturas, relevos táteis, dobraduras e elaborando um material lúdico a ser utilizado por visitantes em um ateliê montado para isso, tudo baseado em seu trabalho."

"Sacilotto: Faça o que achar conveniente. Para mim, vale tudo. Não no sentido pejorativo, mas no esforço da comunicação. Isto será uma aventura."

Foi uma grande aventura, tanto que o ateliê foi chamado de Uma Aventura com Sacilotto. Nos dois meses que a mostra esteve na Unidic, ele participou da maior parte das visitas feitas pelos deficientes visuais. Vibrava e sentia-se emocionado por ver seu trabalho ser sentido via comunicação tátil.

Sacilotto deixa suas obras e nos faz entender o significado da palavra cultura, que abrange comunicação para todos, respeitando as diferenças. Em 2001 a mostra esteve em Santo André e no Sesc São Carlos (SP). Há um convite do Sesc de São Luís (MA). □

Elisabeth Leone é curadora do Espaço de Artes Unidic

Um homem cordial

Enock Sacramento
Especial para o Diário

Em 1963, o News Seller (hoje Diário) começou a publicar, sob meus cuidados, uma página semanal dedicada à literatura e arte. Pouco depois, comecei a divulgar a obra de um andrêsense que participou ativamente do movimento concretista brasileiro: Luiz Sacilotto.

Consciente do papel que representou na arte brasileira dos anos 50, e que continuava representando, Sacilotto parecia uma pessoa ardua, de idéias rígidas e de abordagem difícil.

Em pouco tempo essa impressão se amainou e começou a surgir um sentimento de afeição entre nós. Poucas semanas depois do primeiro encontro reproduzi um auto-retrato do artista, uma monotípia de grande força expressiva. Quando fomos devolvê-lo, Sacilotto falou: "Este fica com você".

Em 1980, ele realizou uma retrospectiva de sua obra no MAM-SP (Museu de Arte Moderna). Ajudamos a divulgá-la. Após seu término, num encontro para avaliá-la, ele tomou uma das pinturas e disse: "Esta fica com você".

Começo agora a refletir sobre nossa amizade, que nasceu e cresceu paralelamente a uma relação de trabalho e que resultou na publicação de um livro sobre sua vida e obra.

Mas também tivemos momentos descompromissados, encontros para falar de amenidades, de arte, de viagens, para ouvir música erudita, que ele adorava, sobretudo a música na qual encontrava correspondência com sua pintura.

Com o tempo e o reconhecimento de seu trabalho, Sacilotto transformou-se em um homem extremamente cordial e afetivo. No início, mesmo para um amigo como eu, era inimaginável receber um beijo de Sacilotto. E era assim, nos últimos anos, que ele recebia os amigos mais queridos.

Há dois anos, passamos a nos encontrar pelo menos uma vez por mês em torno de vinhos franceses, italianos, espanhóis, portugueses e do Novo Mundo. Eram reuniões organizadas por seu filho Valter. Contava sempre com a presença de Adamastor – outro filho – e amigos.

Sacilotto participava com satisfação. Nos últimos meses, só deixou de degustar duas vezes, por recomendação médica.

Estamos atônitos. Não sabemos se essas reuniões terão seqüência. Mas duas coisas são certas: se continuarem, nunca mais serão as mesmas e, de alguma forma, ele estará sempre presente. □

Enock Sacramento é crítico de arte, autor de uma série de livros, entre eles Sacilotto

